



Em 1970, Jean Genet esteve em São Paulo para assistir à encenação de *O Balcão*, peça que escreveu e que teve uma versão revolucionária, dirigida por Victor Garcia para a companhia Ruth Escobar

Ecoss de Genet e seu 'Balcão', em São Paulo

Luiz Tadeu Teixeira

Um homem triste com o mundo e preocupado com suas transformações sociais.

Assim o ator e jornalista capixaba Joelson Fernandes, atual assessor de imprensa do Departamento Estadual de Cultura, definiu ontem o escritor e dramaturgo Jean Genet, que ele conheceu em São Paulo, em 1970, durante a temporada da peça *O Balcão*, apresentada no Teatro Ruth Escobar. Joelson era integrante de um dos maiores elencos já reunidos no Brasil para apresentar uma peça e Genet, convidado pela produtora e atriz Ruth Escobar, veio ao Brasil especialmente para assistir a sua famosa encenação, dirigida pelo irrequieto franco-argentino Victor Garcia, o mesmo de outra memorável montagem: *Cemitério de Automóveis*, de Fernando Arrabal.

O Balcão estreou em 1969 e logo transformou-se num dos principais acontecimentos teatrais da história de São Paulo. A grande estrela do espetáculo era, sem dúvida, o cenário, concebido por Victor Garcia e executado por Wladimir Pereira Cardoso. Para sua construção foi necessário que o Teatro Ruth Escobar sofresse radicais transformações, com a eliminação do palco, que, de acordo com uma nova proposta cênica, deveria integrar-se com a platéia. Assim, construíram-se espirais de ferro onde as bancadas foram montadas para que nelas os espectadores se acomodassem. Sobrepostas, formavam um grande funil, com mais de 60 metros de altura. Dentro dele, literalmente no ar, as principais cenas aconteciam, ora em plataformas móveis que subiam ou desciam, ora em gangorras ou trapézios nos quais os atores se penduravam. O impacto visual de *O Balcão* transformou-o numa atração turística. Frequentemente ônibus especiais vindos de diferentes lugares estacionavam na frente do teatro, desembarcando espectadores. O espetáculo permaneceu em cartaz por mais de três anos, encerrando-se em 1972.

Joelson permaneceu no elenco durante dois anos. O período era particularmente especial. A classe teatral paulista, assim como toda a sociedade brasileira, vivia momentos de inquietação. No velho casarão da rua Theodoro Baina, o Teatro de Arena de Boal e Guarnieri, depois de ocupada pela polícia, mantinha-se sob constante ameaça. O Oficina, onde a passagem do Living Theater provocou um racha no grupo só comparável ao motivado pela repressão, também vivia momentos de crise.

A notícia da chegada de Genet, convidado por Ruth Escobar especialmente para assistir a montagem brasileira de *O Balcão*, cujo arrojo e criatividade motivara artigos em importantes revistas da Europa e Estados Unidos, despertou uma curiosidade especial na imprensa paulista e na classe teatral de modo

geral. A expectativa de todos tinha sua razão de ser: como Genet reagiria diante "daquele" *Balcão*? Afinal, a leitura do texto (escrito há mais de dez anos) nem de longe poderia sugerir algo como o espetáculo concebido e criado por Victor Garcia e Wladimir Cardoso. Somente aquelas cabeças, especialmente Victor Garcia, um louco visionário, seria capaz de produzir aquela obra, cuja execução representou, no mínimo, um atestado de coragem de Ruth Escobar.

A montagem de *O Balcão* em São Paulo, na verdade, despertou intermináveis polêmicas. A principal delas dizia respeito à questão da autoria. Como é que um diretor teatral poderia ter a ousadia de transformar o visual na principal atração de um espetáculo, em detrimento do texto? A palavra sempre fora o mais importante elemento do teatro. As propostas do polonês Jerzy Grotowski, que veio dar forma ao que o francês Antonin Artaud visualizara 20 anos, antes ainda não estavam muito difundidas. *O Balcão* veio transformar-se no principal exemplo capaz de ilustrar a proposta do "teatro-total". Ampliava-se, a curiosidade sobre a



"O teatro não pode fazer mais que refinar-se até ser um reflexo... Só um teatro de sombras tem ainda a capacidade de me tocar"

reação de Genet, cujos textos sempre foram escritos de maneira acadêmica, na sua forma, tornando-se atraentes mais pelo seu aspecto poético e audaciosos pelas situações agressivas que eles lhe injeta, apresentando relações sentimentais e sexuais não muito convencionais, o que chocou até algumas platéias acostumadas com espetáculos mais ousados (o ator Jean-Louis Barrault, durante uma encenação de *Les Parents* em Paris foi agredido por alguns espectadores).

Muita gente esperou Genet no aeroporto. Ruth Escobar à frente de uma autêntica tropa. Artistas, jornalistas e curiosos trocavam impressões no saguão do aeroporto. Como era esperado, o avião atrasou, chegando ao anoitecer. Na passagem pela alfândega, os habi-

tuais constrangimentos com as revistas policiais. Aparentando cansaço, Genet, conduzido por Ruth, é levado para um carro que espera no estacionamento e dirige-se para o teatro, onde outra pequena multidão os aguarda. Finalmente, chega o grande momento. Genet está presente para a mais esperada das centenas de funções de *O Balcão* nos seus quase quatro anos de temporada. Pois bem: sabem o que aconteceu? O homem, simplesmente, dormiu. Dormiu de roncar. Decepção geral, piadas... Depois, as desculpas: estava exausto com a viagem, não tivera sequer tempo de passar no hotel para tomar um banho. A mudança de fuso-horário simplesmente o abatera. No dia seguinte, veria o espetáculo novamente. E, a partir daí, passou a conviver com os participantes da montagem, revelando-lhes suas impressões.

Segundo Joelson, "Genet inicialmente mostrou-se assustado, o espetáculo o incomodara". Ele não entendera o que os atores diziam. Além dos problemas de idioma, ainda havia os efeitos de som, que muitas vezes abafava as vozes. No dia seguinte, contudo, pôde contar com um tradutor ao seu lado. E, logo, familiarizou-se, mostrando-se empolgado e afirmando, bem-humorado:

— Este não é o meu *Balcão*. Mas ele é fantástico.

A peça se passa num bordel, onde diversos personagens representantes de uma sociedade decadente vão se abrigar, enquanto, fora, ocorre uma revolução sangrenta. O bispo, o magistrado, o policial e o general, então, participam de uma cerimônia de desnudamento de poder, representado por suas máscaras. O texto é altamente poético, intercalando personagens aparentemente reais com outros simbólicos. No final, um desfecho de impacto: os revolucionários invadem o bordel, desmascarando aqueles que procuravam manter as últimas aparências de seu decrépito e reacionário moralismo.

Outra peça de Genet muito conhecida no Brasil é *As Criadas*. Nela, os propósitos do autor em desnudar uma sociedade hipócrita também estão presentes. Conforme Genet declarou certa vez, "o teatro não pode fazer mais que refinar-se até ser um reflexo... Quando se escolhe imaginar a si mesmo morrendo deliciosamente, é necessário providenciar rigorosamente os símbolos funerários. Ou, então, é preciso escolher viver e descobrir o inimigo. Para mim, nunca mais haverá um inimigo em lugar algum, como nunca haverá uma pátria, nem mesmo abstrata e interior. Se alguma coisa me comover, será a nostalgia de que uma vez foi minha terra natal. Só um teatro de sombras tem ainda a capacidade de me tocar".

Como aquele *Balcão*, de Victor, Wladimir, Ruth, Joelson... e Genet.